

# EDUCAÇÃO MÉDICA E CIÊNCIA

Tem sido deveras valioso, nos últimos meses, o contributo da Acta Médica Portuguesa, num tempo de mudança que tem de chegar, na área específica da Educação Médica.

Sentindo-me, por formação e vocação, muito próximo de Lacerda Nobre na sua Página da Direcção de Outubro de 1993 - O Primado da Clínica - não deixo de viver a angústia e a insatisfação de um punhado de jovens internos do meu Serviço, que de uma maneira legítima e louvável, ambicionam para eles, para o Hospital, para o País, mais e melhor diferenciação e competência.

Se o espantoso desenvolvimento, nos últimos anos, das novas tecnologias ligadas às Neurociências (Neurorradiologia, Neurofisiologia, Neuroquímica, Neuroimunologia, Neurogenética) lhes permite alcançar mais depressa e melhor, o diagnóstico de localização e a etiologia da doença, sem desprezar o raciocínio clínico, nas suas indispensáveis bases anátomo-fisiopatológicas, quantas vezes não sentem a frustração da instituição onde trabalham e da formação científica que a Escola lhes deu, de não conseguirem algo de mais valioso no seu quotidiano hospitalar.

Se o Serviço de Neurologia do Hospital de Santo António dos Capuchos tem sido, para além das suas obrigações assistenciais, um local de formação ímpar de neurologistas clínicos competentes, já dispersos por outros hospitais, sobretudo no Sul do País, será legítimo desejar que ele seja, também, um lugar em que, ensinando ciência se formem também cientistas (cito Gil Ferreira, Dez. de 1993).

Sendo um serviço integrado numa das melhores escolas da Medicina Portuguesa, Os Hospitais Cívicos de Lisboa, não pode afirmar-se que para além de Neurologistas clínicos competentes e brilhantes (ímpares como Diogo Furtado, Miranda Rodrigues, Domingos Machado, Orlando Carvalho, Orlando Leitão, Eduardo Matos), nele tenha florescido, alguma vez, um verdadeiro cientista.

Mas se, em relação a outros sectores do conhecimento, se vem fomentando a investigação científica, como nas Matemáticas, na Física, na Química, na Farmácia, em grandes empresas industriais, mesmo privadas, porque não incentivar o ensino, a curiosidade e a originalidade científicas, em Serviços Hospitalares mesmo fora das Universidades?

É a Escola, são as Faculdades de Medicina as primeiras responsáveis, para que no ensino pré-graduado, sejam incentivados os futuros médicos, a não serem só licenciados para o exercício da sua actividade profissional, como clínicos.

É assim, com imensa esperança que vejo publicado neste número da Acta Médica Portuguesa o artigo de Armando Sena a Neurociência e o Ensino Médico.

O extraordinário desenvolvimento do conhecimento dos vários ramos das Neurociência, a que temos assistido nos últimos anos e tão sentidamente descritos naquele artigo, se conduzirem à criação de uma cadeira de Neurociência articulada com o ensino pré-graduado da Neurologia Clínica, irá formar e motivar muitos dos futuros licenciados, seguramente para a investigação científica em Neurologia.

Terá de existir, num País de recursos limitados como o nosso, uma ligação permanente dos Serviços Hospitalares às Faculdades de Medicina, ou outras instituições em que seja possível a investigação científica ligada à clínica, não com sentido centralizador, mas num espírito de colaboração e incentivo mútuos, com as tecnologias, as competências e meios humanos disponíveis.

JOÃO CABRAL BEIRÃO